



REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

**A poética do recomeço: a retomada
da tradição das esculturas
afro-brasileiras, a partir da obra
de César Bahia ou...
Se o cânone hegemônico
existente não nos abarca,
façamos o seguinte:
quebremos o cânone existente
e criemos o nosso próprio cânone**

José Eduardo Ferreira Santos¹

1. Pedagogo (UCSAL), mestre em Psicologia (UFBA), doutor em Saúde Pública (ISC-UFBA), pós-doutor em Cultura Contemporânea (PACC-UFRJ). Curador e responsável, com Vilma Santos, pelo Acervo da Laje. E-mail: ferreirasantosensor@gmail.com

José Eduardo Ferreira Santos

Resumo: o presente artigo trata-se de uma comunicação realizada no II Ciclo Internacional de Conferências Brasil: poéticas da diáspora africana (2023), na mesa intitulada “Quando penso no futuro não esqueço o meu passado”, realizada em Cachoeira, Bahia, acerca da produção do escultor César Bahia, que no momento atual está expondo, pelo Acervo da Laje, no Museu de Arte do Rio, retomando uma tradição das esculturas afro-brasileiras que tem larga origem no Brasil e em particular na Bahia, particularmente a partir da obra de escultores negros, como Otávio Bahia (1943-2010), pai de César Bahia, mas, mais anterior ainda, na obra de artistas invisibilizados e de renomados como Agnaldo Manuel dos Santos (1926-1962), Rubem Valentim (1922-1991), Emanuel Araújo (1940-2022) e a obra de Manuel Querino (1851-1923), apontando para artistas da contemporaneidade.

Introdução

Sobre as epistemologias negras é necessário afirmar as poéticas existentes em seus artistas e suas obras e é necessário não banalizar ou esquecer quem nos precedeu. Essa perspec-

A poética do recomeço

tiva torna necessário o conceito de poética como o instante consagrado da criação e advém do escritor e poeta mexicano Octávio Paz.

Nessas epistemologias negras é preciso incorporar as dimensões do sonho, da beleza, da criação e da curadoria das nossas produções e também criar espaços de memória dessa produção como espaços de enfrentamento frente aos apagamentos.

O esforço de apresentar a contribuição negra nas artes vem, na Bahia, através de Manuel Querino (2018a; 2018b) em seus livros *Artistas Bahianos* (1909) e *As artes na Bahia* (1909), republicados recentemente pela Câmara Municipal de Salvador, e do baiano Emanuel Araujo (1988), em seu monumental e incontornável livro *A mão afro-brasileira*, assim como o Museu Afro Brasil, Emanuel Araujo, recém-nomeado Emanuel Araújo, por conta do seu falecimento.

**Maravilha! A exposição “César Bahia:
uma poética do recomeço” é uma maravilha!**

Talvez sejamos um povo que ainda não está acostumado a nomear o excedente, e, por isso, faço-o agora: a exposição

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

José Eduardo Ferreira Santos

de César Bahia no Museu de Arte do Rio é uma experiência que talvez estejamos presenciando de forma inaugural: é uma experiência de maravilha no sentido filosófico, estético, da beleza, da unidade na diversidade, na expografia, curadoria, seleção de obras, enfim, em tudo.

Quando estamos diante da experiência da maravilha, não temos palavras para descrevê-la e toda história, postagem e vídeo dessa exposição que recebemos tem algo de inexplicável e maravilhoso em seu contexto.

■ Não estávamos preparados para algo assim e esse algo aconteceu: a exposição das obras de César Bahia que fazem parte do Acervo da Laje tem uma unidade e diversidade que impressionam pela monumentalidade, diversidade, estética e deslumbre que não estamos acostumados a presenciar, pois, talvez, nossos olhos e sentidos não estejam acostumados a essa experiência. Essa exposição toca o sublime e o mistério, e tudo isso a torna muito original e única. É um acontecimento para o Brasil e o Mundo. Tudo opera para que sua beleza chame de volta a nós categorias como o sublime, o belo, o monumental, o Brasil, o mistério e algo que nos pertence que não podemos falar...

Algo do inefável habita essa exposição.

A poética do recomeço

O Brasil se mostra ali de forma única, como um carinho do Brasil para a sua criação popular, tão vilipendiada e reduzida, que foi preciso torná-la sensível, delicada e exuberante para que nos reconheçamos nela.

Sem explicações, ela nos arrebatava com sua preciosidade.

Com requintes de presenças ancestrais, ela nos provoca a adentrar os mistérios da fé que tanto nos circunda e o urbano tem retirado de nós essa experiência de pertencimento.

Antecedentes

Neste precioso momento de retomada das artes negras no Brasil, principalmente com as recentes exposições promovidas pela galeria paulista Almeida e Dale (2022), de Rubem Valentim (1922-1991) e Agnaldo Manoel dos Santos no eixo Rio-São Paulo e ambas chegando a Salvador, enxergamos ser este o momento de uma proposição de artistas escultores da periferia de Salvador, que historicamente foram invisibilizados, a exemplo do lendário escultor Otávio Bahia e do mais esquecido ainda, o notável Adilson Baiano Paciência, cuja obra, que se destaca pelo seu ineditismo, se encontra somente no Acervo da Laje.

José Eduardo Ferreira Santos

De acordo com a curadora da exposição de Agnaldo Manoel dos Santos, Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua (2021), sua obra aponta para a modernidade da escultura negra em madeira baiana e brasileira e certamente ele é um marco balizado pelo cânone das artes, reconhecido por outros grandes nomes das artes.

Depois de Agnaldo, a escultura afro-baiana tem seu auge em inventividade e produção contínua em dois polos do estado da Bahia: em Cachoeira, onde estamos, com as famílias de Doidão, Louco, Louco Filho, Mimo, Dory e uma miríade de continuadores dessa produção em madeira que se renova, como podemos ainda perceber.

[Por focar, nesta comunicação, na produção escultórica em madeira, não podemos deixar de citar as contribuições em outras linguagens, como o ferro com José Adário, em Salvador, Mestre Didi, também em Salvador, ou Tamba e sua família, trabalhando com cerâmica, em Cachoeira. Mas fica para outra oportunidade...]

De outro lado tivemos a produção também profícua da família de Otávio Bahia, escultor nascido em Alagoinhas, Bahia, mas que produziu por décadas no bairro Fazenda Cou-tos, no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

A poética do recomeço

Tanto Otávio quanto Doidão, Louco e a produção escultórica presente na cidade de Cachoeira povoaram o imaginário local, nacional e internacional com suas esculturas de Orixás, santos, máscaras etc., comercializadas por eles ou por outrem (atravessadores) em diversas lojas das cidades, assim como no Mercado Modelo e na Feira de São Joaquim, como ainda podemos encontrar a produção profícua do que podemos chamar de escola escultórica de Cachoeira, que ainda continua, o mesmo não acontecendo com a escola escultórica da família de Otávio Bahia, no subúrbio de Salvador, pois, após a sua morte em 2010, a maioria dos seus filhos e filhas, que também esculpiam, foi deixando para trás o ofício, sendo Nilceia, sua filha, continuadora do ofício em Embu das Artes (São Paulo) e César Bahia, aqui, no subúrbio de Salvador.

É importante frisar que a obra de Otávio Bahia e família, quando em vida, primava pela excelência, diversidade de produção, além do acabamento impecável, dado que ele – Otávio Bahia – mantinha uma oficina completa, com todas as ferramentas e equipamentos necessários para essa produção que era exportada para o Brasil e o mundo.

Após a sua morte, a oficina, seus maquinários, sua memória fotográfica e rascunhos, tudo se perdeu em pouquíssimo

José Eduardo Ferreira Santos

tempo, assim como suas obras tornaram-se raras ou falsificadas, ou, ainda, difíceis de encontrar, principalmente após a escrita que elaborei sobre sua obra (cerca de uma lauda) e que se tornou o texto-base presente nos leilões, o que fez com que as esculturas e máscaras ganhassem outros patamares de preço e procura.

Otávio Bahia fazia obras sob encomenda de terreiros, de galeristas famosos e exigentes como a Galeria Africana, que era localizada no Mercado Modelo e hoje não existe mais.

▪ **César Bahia e a poética do recomeço: precedentes**

Após a morte de Otávio Bahia, César, um dos seus filhos que o ajudava no ofício da escultura, viu-se compelido a sobreviver com aquele ofício herdado do pai e já sem o precioso maquinário e todo o processo de elaboração que antes tinha uma linha de produção. Viu-se impelido a recomeçar a esculpir de maneira manual e artesanal, isto é, indo às matas retirar as madeiras e moldar as obras com formão, marreta e ao modo antigo: desenhando na própria madeira a obra a ser esculpida,

já sem os requintes e preciosismos do pai, mas agora com a sua marca.

César Bahia e a sua obra no Acervo da Laje

Após a morte de Otávio Bahia, saímos à procura de suas obras e nos deparamos com as obras de seus filhos, sendo que somente César Bahia continuou a esculpir e conseguimos ainda encontrar suas obras no Mercado Modelo e a comprar em suas mãos desde o ano de 2010.

Geralmente, a obra de César Bahia se resumia ao que ele aprendeu com o pai: a feitura de máscaras e esculturas de orixás e máscaras tribais, ou seja, ainda as obras presentes do imaginário paterno.

Descobrimos, nestes anos, a sua desvalorização por parte dos vendedores do Mercado Modelo, que compravam suas obras a baixo custo para revendê-las pelo triplo ou mais do preço, por exemplo.

Mas o agravante era a baixa qualidade da madeira, que não era curtida ou curada – como o seu pai fazia tinha – e tem – um impacto no resultado final das obras, pois as mesmas,

José Eduardo Ferreira Santos

dada a baixa qualidade acima referida da madeira, racham, contendo brocas e cupins, e muitas delas tinham que ser restauradas por ele, gerando uma recusa na aquisição, por parte desses vendedores.

No entanto, nos últimos treze anos (2010-2023), nós, do Acervo da Laje, insistimos em comprar as obras, primeiro no Mercado Modelo e depois diretamente nas mãos do artista, por um preço justo, sem atravessadores.

Nos últimos anos passamos a lhe sugerir novas temáticas, como ex-votos e cabeças, o que resultou em uma novidade no seu percurso artístico.

Neste sentido, é no Acervo da Laje que hoje repousa e transita grande parte da sua obra, produzida sob encomenda.

A poética do recomeço – ou quando não há cânone criamos o cânone, quebramos o antigo e propomos nossas poéticas

Por poética do recomeço entendo essa força contínua da criação e produção artística presente na população negra e que muitas vezes é reduzida ao conceito (nada contra) de

A poética do recomeço

“artesanato” ou “arte menor”, pois muitas vezes a existência do cânone seleciona e dita quem dele faz e fará parte, por conta de diversos arranjos e interesses, inclusive e, principalmente, econômicos.

A exposição “César Bahia: uma poética do recomeço” tem uma história quando da visita do curador Marcelo Campos ao Acervo da Laje e visita aos ateliês dos artistas Ray Bahia (Periperi) e César Bahia (Fazenda Coutos). No carro emprestado de Edinho estávamos Vilma, Fabrício, André, Marcelo Campos e eu. Então Fabrício pergunta a Marcelo sobre a possibilidade do Acervo da Laje expor no Museu de Arte do Rio, ao que no mesmo tempo Marcelo diz que é possível e pede um projeto para o plano anual do Museu.

Depois disso começam as tratativas para a realização da exposição, que contou com o registro fotográfico de todas as obras, em um total de 240 máscaras e esculturas, realizado por Fabrício Cumming, Alder Oliveira e Kailane Lopes nas duas casas do Acervo da Laje.

Após o envio das fotos e assinatura dos documentos para a exposição as museólogas Railda e Renilda são contratadas para a realização dos laudos e o transporte da obra foi feito pela Art Quality.

José Eduardo Ferreira Santos

Com curadoria de Marcelo Campos, Amanda Bonan, Thayná Trindade, Amanda Rezende e Jean Carlos Azous, a exposição tem a expografia luxuosa de Gisele de Paula, toda ela em cor azul-meia-noite, realçando a beleza e o mistério das obras, isto é, revelando-as de uma maneira nunca vista, provocando a percepção de uma unidade e diversidade que enche os olhos dos visitantes.

A mostra ficará de abril de 2023 a outubro do mesmo ano e tem sido muito bem recebida pelas pessoas.

▪ **Poética do recomeço: César Bahia**

Poética do recomeço foi o nome que demos à exposição que ora acontece no Museu de Arte do Rio com obras do artista César Bahia, do bairro Fazenda Coutos, filho do escultor Otávio Bahia.

Por poética do recomeço defino-a como são as formas de elaboração estética e artística da população negra e periférica diante de várias expressões de invisibilidade deste povo e sua arte.

Nesta poética o artista, sem perder a sua origem, reinventa-se trazendo elementos da sua ancestralidade (o pai, o povo

A poética do recomeço

baiano, a África, os saberes, a religiosidade de matriz africana, as mães etc.), sempre utilizando os materiais que hoje estão disponíveis para o seu fazer (a madeira ainda verde, o uso manual do formão, do martelo etc.), motivo pelo qual as obras tendem a se partir no tempo, com fissuras as mais variadas.

O recomeço é o mote da existência, assim como é o mote da obra: sempre há algo por fazer, o que é uma insistência em viver e atuar.

Em César Bahia tudo está presente, a despeito das suas condições materiais precárias, a arte vem como uma forma de enfrentamento, afirmando existências e resistências em um país que se tornou nos últimos anos a “vanguarda do atraso” e que agora volta a sonhar.

Em meio ao caos César Bahia foi estimulado por nós, do Acervo da Laje – e a muitos artistas –, a continuar, pois criar é, por si, um exercício da vida.

Ver a sua primeira exposição individual no MAR é algo da órbita do acontecimento do que foi a obra dos mestres Biquiba Guarany e Agnaldo Manuel dos Santos, sem comparações, claro, mas sair do Mercado Modelo, passar pelo Acervo da Laje, dele ir para o MAM Rio, MAM Bahia, SESC Pompeia e agora no MAR é algo instigante de como a arte

José Eduardo Ferreira Santos

do povo negro e das periferias se reinventam e começam a ocupar lugares inimagináveis se pensarmos em como opera o sistema de arte e quem valida quem é ou não artista, tudo isso com privilégios.

Neste sentido precisamos começar a criar nossos sistemas de validação das nossas artes, isto é: consagrá-las no nosso tempo e para além dele, no nosso lugar e para além dele, sem medo das precariedades, mas apostando na criação de movimentos estéticos que rompam as hegemonias, fazendo nossas e novas curadorias, sem esquecer a dor e tudo o que nos violenta, denunciar e recomeçar, sempre.

Atualizando a arte de César Bahia

Falar da obra do escultor César Bahia (Salvador, 1964), depois de treze anos de existência do Acervo da Laje e seu colecionismo de obras do referido artista, é fazer algumas reflexões sobre como criar em condições adversas, ou seja, como, apesar das dificuldades e da impermanência, das fissuras e precariedades, as obras insistem em existir, povoar o imaginário do território suburbano, da Bahia e do mundo, graças à insistente

A poética do recomeço

força que emerge da necessidade de existir, sobreviver e viver da própria arte.

César Francisco dos Santos, que adotou o mesmo sobrenome artístico do pai, Otávio Bahia, cresceu em meio à descoberta do seu pai, que, de carpinteiro, descobriu-se artesão e logo depois artista da escultura em madeira, vindo de uma família de escultores de Alagoinhas, Bahia. Afirmam que trabalhou com dona Lina Bo Bardi no que seria o Museu de Arte Popular, hoje MAM Bahia, no Solar do Unhão, assim como trabalhou como carpinteiro no Museu Carlos Costa Pinto. Na casa, localizada no bairro Fazenda Coutos, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, o pai tinha uma oficina-escola completa de escultura que cuidava desde a cura das madeiras, o uso de maquinário, acabamento e pintura das obras mais diversas que eram vendidas em lojas do Mercado Modelo e disputadas por muitos colecionadores, chegando a rivalizar, segundo uma grande especialista em escultura popular da Bahia, com a tradicional e contínua escola escultórica de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, iniciada por Boaventura Silva Filho, conhecido como Louco, e seguida por seus filhos, netos, parentes e amigo.

Agnaldo Manoel dos Santos, Doidão e Otávio Bahia constituíram o tripé da moderna escultura popular da Bahia

José Eduardo Ferreira Santos

e agora apresentamos a obra de César Bahia, que dá continuidade e frescor a essa produção, utilizando como ferramentas simbólicas a memória herdada de seu pai, as tradições afro-brasileiras e as religiões de matriz africana, que são, ainda, sua principal referência.

Sobre a elaboração das obras é preciso informar que todas são feitas manualmente, com o mínimo maquinário possível, e o artista ainda vai às matas do Subúrbio Ferroviário escolher as madeiras com seu machado, dando continuidade a uma tecnologia ancestral que a urbanização ainda não conseguiu apagar com o seu desordenamento predatório, pois neste mesmo Subúrbio Ferroviário de Salvador ainda temos as matas, cachoeiras, fontes, rios, mangues, mares e lagoas, em locais que são historicamente de resistência ancestral, como o antigo Quilombo do Urubu, no atual Parque São Bartolomeu, outrora chefiado pela guerreira Zeferina no século XIX.

Nos últimos anos, a obra de César Bahia tem sido vista em espaços como o Acervo da Laje (2010-2023), o MAM Rio (2021-2022), na exposição *A memória é uma invenção*, com curadoria de Keyna Eleison, Pablo Lafuente e Beatriz Lemos, no MAM Bahia (2022), na exposição *Subúrbio: uma exposição em três atos*, com curadoria de Vilma e Santos e José Eduardo

A poética do recomeço

Ferreira Santos, e no Sesc Pompeia (2022-2023), na exposição *A parábola do progresso*, com coordenação curatorial de Lisette Lagnado, curadoria adjunta de André Pitol e Yudi Rafael, e agora chegam ao Museu de Arte do Rio, em sua primeira exposição individual.

Texto da exposição

Nesta exposição são apresentadas cerca de 240 obras escultóricas em madeira, elaboradas nos últimos treze anos (2010-2023), coincidindo com o mesmo período de existência do Acervo da Laje, Casa – Museu – Escola, localizada no Subúrbio Ferroviário de Salvador, que tem provocado questões como a descentralização dos espaços museais, democratizando o acesso às artes, memórias e estéticas produzidas nos territórios periféricos, construindo futuros no presente, através da força criativa que as vidas periféricas manifestam e também mostra a periferia como expoente de elaborações estéticas, lugar de criação e produção de memórias negras e ancestrais, pois o que o tempo não apaga é porque a memória é uma fissura no entalhe da vida.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

José Eduardo Ferreira Santos

As esculturas aqui apresentadas, como a vida e a arte, têm suas imperfeições, seus movimentos e são perturbadas pela ação do tempo, que lhes confere formas, deformações e plasticidades observáveis para quem tem olhos para ver, rever, viver.

Orixás, máscaras, esculturas e ex-votos, além de criações arquetípicas do inconsciente inquieto do artista, são, para os olhos, estímulos para o exercício de novas leituras como desenhos de observação pedagógicos para a descoberta de novas possibilidades de criar a partir deste exercício do que é visível e se torna memorável.

Estamos diante de obras que carregam a poética do efêmero no eterno, das nossas ancestralidades. Daqueles assombros que o Brasil não pode mais apagar sob a égide do anonimato da arte popular, que, quando não tem a curadoria de quem partilha o mesmo território do artista, não consegue tirá-lo da invisibilidade da materialidade, mas da sua biografia, nome e sobrenome, tão importantes para existir, viver da arte e ter sua obra avaliada em vida.

As principais referências de César Bahia são as memórias das artes do seu pai, Otávio Bahia, da recriação das máscaras africanas que aqui chegaram há décadas passadas, quer em sua

A poética do recomeço

materialidade ou em revistas, livros e postais que traziam tais representações registradas, além dos pedidos dos terreiros de candomblé que foram os primeiros a valorizar, reconhecer e difundir essas representações em seus espaços sagrados e ancestrais, sendo que no Subúrbio Ferroviário de Salvador concentra-se o maior número de terreiros da cidade, traço este também muito significativo para a continuidade da obra de César Bahia, sendo que de sua família de artífices ele foi o único aqui em Salvador a dar continuidade a essa arte que dialoga com o sagrado e o artístico.

Em tempo, César Bahia é sobrinho do escultor Agenor, irmão de Otávio Bahia, que se mudou para Embu das Artes, em São Paulo, e fez carreira de famoso escultor. Hoje, Nilceia, irmã de César Bahia, na mesma cidade, continua a esculpir.

Nascido no bairro de Fazenda Coutos, o lugar, a despeito de sua precariedade, sempre foi um celeiro de artistas.

José Eduardo Ferreira Santos

A primeira coleção de arte africana que não foi feita na África e com autoria definida: concluindo...

A exposição de César Bahia no Museu de Arte do Rio é uma das primeiras coleções de arte africana que não foi feita na África e que tem autoria definida, ao contrário de muitas coleções existentes no Brasil e que foram elaboradas na periferia de Salvador nos últimos treze anos, o que indica, como fomos indicando que é preciso, então a necessidade de criar outros cânones, mais autorais e com nossas curadorias, afro centradas.

Por fim, é preciso destacar que essa exposição, assim como a existência do Acervo da Laje, se insurge contra os apagamentos dos ditos cânones hegemônicos e apontando para a criação de novos cânones para as artes pretas e afrodiáspóricas, retomando marcos do legado afro-brasileiro, sua contemporaneidade e contribuições para o afrofuturismo, pensando, também, no lugar das periferias nas artes negras.

Referências

- ARAUJO, Emanuel (org.) *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Tenenge, 1988.
- BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. *Agnaldo Manuel dos Santos: a conquista da modernidade*. São Paulo: Almeida e Dale Galeria, 2021.
- ALMEIDA E DALE GALERIA. *Ilê Funfun: uma homenagem ao centenário de Rubem Valentim*. [Curadoria por] Daniel Rangel. São Paulo, 2022.
- QUERINO, Manuel. *Artistas Bahianos*. Salvador: Câmara Municipal: Press Color, 2018a.
- QUERINO, Manuel. *As artes na Bahia*. Apresentação Leo Prates. Salvador, Câmara Municipal: Press Color, 2018b.